Anais do Congresso Brasileiro de Patologia das Construções
CBPAT2016

Abril de 2016
ISSN 2448-1459

MANUTENÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO - ESTUDO DE CASO: CASTELINHO DOS BRACHER

A. C. G. MOREIRA
Arquiteta, mestrando PROAC
Universidade Federal de Juiz de Fora
MG; Brasil
acgamarano@gmail.com

M. T. G. BARBOSA
Professora, D.Sc.
Universidade Federal de Juiz de Fora
MG; Brasil
teresa.barbosa@engenharia.ufjf.br

RESUMO

Os edifícios históricos precisam de atenção especial, porque reflecte a memória da sociedade. Os serviços de manutenção e recuperação destes edifícios requer planejamento técnico específico que deve ser feito por profissionais de diferentes áreas especializadas. Para a execução dos serviços de conservação e restauro, é necessário antes que o projeto de intervenção uma extensa pesquisa, a ser incluindo tje histórico, o cronológica, o iconográfico e até arqueológica (quando necessário) sobre a herança. O planejamento e realização de ações também dependem da análise materiais de construção original, diagnóstico completo do estado da arte da construção, com mapeamento e descrição das anomalias, incluindo subsistemas e instalações, entre outros estudos. Este artigo tem como objetivo apresentar um estudo de caso que analisa a condição e a necessidade de manutenção de um edifício na cidade de Juiz de Fora, o Patrimônio Histórico: "Castelinho do Bracher". Assim, as dificuldades que se destina a discutir a manutenção de um edifício histórico, mostrando a necessidade de manutenção do edifício, sublinhando que esta pode ser a solução para muitos destes edifícios não são negligenciadas.

Palavras-chave: Manutenção de Edifícios Históricos; Patrimônio Histórico; Castelinho dos Bracher.

ABSTRACT

The historical buildings need special attention because reflect the memory of society. The maintenance services and restoration of these buildings require specific technical planning which must be done by professionals in different specialized areas. For the implementation of the conservation and restoration services, it is necessary before the intervention project an extensive research, to be including tje historical, the chronological, the iconographic and even archaeological (when necessary) about the heritage. The planning and realization of actions also depend on original materials construction analysis, complete diagnosis of the state of the art of building, with mapping and description of anomalies, including subsystems and facilities, among other studies. This paper aims to present a case study that will analyze the condition and the need for maintenance of a building in Juiz de Fora city, the Historical Heritage: "Bracher's Castelinho". Thus, the difficulties it is intended to discuss maintaining a historic building, showing the need for building maintenance, stressing that this may be the solution to many of these buildings are not neglected.

Keywords: Historical Building Maintenance ; Heritage; Bracher's Castelinho

1. O CASTELINHO DOS BRACHER

A identidade de uma cidade é formada pela cultura e pela memória de seu povo. José Alberto P. Neves diz que "a cidade é como um documento que nos informa sobre a vivência do homem" (2004, p.21). A identidade entre as pessoas e os lugares onde vivem se estabelece através das relações entre elas. Essas relações se tornam memórias, que são lembranças, heranças e tradições que constituem a cultura da comunidade. A cultura permite o conhecimento e a

Abril de 2016
ISSN 2448-1459

compreensão do que se é e do que se vive hoje, através do que se conhece do passado das pessoas, das cidades e os seus Patrimônios.

Desta forma, percebe-se a real importância de se conservar, manter e reabilitar edifícios tombados pelo Patrimônio Histórico. E a partir do exposto, propõe-se um estudo da edificação que é conhecida como Castelinho dos Bracher.

O Castelinho dos Bracher localiza-se no número 300 da Rua Antônio Dias Tostes, bairro Granbery, em Juiz de Fora, Minas Gerais. A edificação em forma de palacete, em estilo eclético, é datada de 1915. Já foi chamada de "Castelinho do Pantaleone" (BASTOS, 1986, p.193), pois também foi residência de Raphael Arcuri. O arquiteto projetou a casa para sua própria família, mas acabou passando para seu irmão Romeu. A família Bracher mudou-se para esta casa em 1952, quando foi adquirida por Waldemar Bracher.

A família Bracher exerceu importante papel no ambiente cultural de Juiz de Fora nas décadas de 50, 60 e 70 do século XX. Ligada à música e às artes plásticas, a esposa do senhor Waldemar formou, no interior de sua residência, o Coral Pio XII, precursor do coral Universitário da UFJF.

Assim, também, do atelier dos filhos (Décio, Carlos e Nívea) que funcionava na garagem, formou-se a "Galeria de Arte Celina", com o objetivo de aproximar os artistas do público, dada a inexistência de espaços específicos para exposições na cidade, representando, em plena ditadura, um dos poucos lugares abertos ao debate. O Castelinho dos Bracher ficou conhecido como ponto de encontro de uma geração que vivenciava as profundas mudanças de comportamento dos anos dourados e de chumbo (MOREIRA; IUNES; PINHEIRO, 2013, p.23).

A casa não possuía cadeados e as entradas e saídas não eram controladas. Existia um bilhete escrito por Celina para que os ladrões tomassem cuidado com os "quadros molhados nos cavaletes e as esculturas" (ARAÚJO, 1986, p.76).
Este imóvel demonstra vestígios das mais diversas manifestações religiosas e culturais que passou a ocorrer na região. Atraiu pessoas que procuravam uma melhor maneira de viver, abrigou pessoas que viviam de forma inadequada em suas casas, acolheu pessoas com pensamentos adiante do que a sociedade aceitava na época. Percebe-se, assim, que o Castelinho é referência cultural e arquitetônica em Juiz de Fora.

Como Juhani Pallasmaa (2001) afirma, a arquitetura permite experimentar o fluxo lento e benéfico do tempo. As edificações permitem ver e entender o passar da história e participar de ciclos temporais que ultrapassam vidas individuais. Para que isso acontecesse com o Castelinho, foi solicitado pela família Bracher o tombamento do edifício, como exemplo de respeito com a comunidade, com a história e com a cultura de Juiz de Fora. Para a família, o Castelinho é o seu emblema, onde as emoções, a formação humana e artística faz parte da existência familiar.
O tombamento ocorreu a partir do decreto no. 6462 de 16 de junho de 1999, instituindo-se a preservação de fachadas e volumetria. No documento, foram destacadas as seguintes características:

I- o valor histórico, arquitetônico e cultural do imóvel, que mantém suas linhas originais;

II- a perfeita integração do imóvel ao conjunto arquitetônico do Bairro Granbery;

III- a singularidade de sua composição volumétrica, caracterizada por blocos com diferentes alturas, de onde sobressai um elegante torreão;

IV- a solução construtiva do torreão, coberto por telhado metálico com transparências e mirante apoiado em mãos francesas, com guarda-corpo de ferro desenhado.

Além de se destacar na arquitetura de Juiz de Fora, a edificação possui forte valor arquitetônico e afetivo para a cidade e para a população. Entende-se que não é um lugar totalmente privado, é um lugar de convívio social e de democratização do acesso à arte e cultura. Por isso, é necessário o reconhecimento de sua relevância, para retomar as atividades culturais e garantir meios que possibilitem sua reabilitação, manutenção e uso.

Abril de 2016
ISSN 2448-1459

2. METODOLOGIA

Para a elaboração do presente artigo, foram realizadas quatro etapas. De forma sucinta, tem-se: pesquisa bibliográfica (anamnese do edifício, da família Arcuri e dos Bracher); estudo de manutenção de edificações tombadas; visita ao Castelinho dos Bracher (levantamento fotográfico das manifestações patológicas encontradas); análise da edificação quanto às manifestações patológicas e intervenções.

Este trabalho pretende apresentar as dificuldades de se manter um edifício histórico, além de apontar os efeitos produzidos pela ausência de conservação e manutenção dos bens tombados, bem como, das consequências de intervenções realizadas, o que poderá proporcionar, no futuro, restaurações e reabilitações mais precisas e mais custosas.

3. CARACTERIZAÇÃO ARQUITETÔNICA

O Castelinho se destaca na arquitetura de Juiz de Fora pelo jogo de volumes com blocos de diferentes alturas, o que pode ser percebido nos diversos recortes nas paredes externas e no torreão que se sobressai ao conjunto. Há um terraço frontal e outro que circunda a casa. São dois pavimentos e um mirante no torreão de onde há vista privilegiada de parte do Centro da cidade.

A fachada, que além de tijolos aparentes, traz detalhes utilizando a técnica conhecida como bossagem para os ornamentos e frisos, que ressalta alguns tijolos. O corpo de tijolos aparentes é alternado, no primeiro piso, com faixas em massa. Já no segundo, as paredes receberam trabalhos em estuque (massa de gesso, água e cola) na faixa dentada dos cunhais (ângulo saliente formado por duas paredes convergentes), na cornija (moldura) recortada e nas molduras das janelas. O telhado é coberto com telhas francesas. Já o beiral é do tipo florentino.



Figura 46: Fachada Frontal do Castelinho dos Bracher. Fonte: acervo pessoal, 2015.

Transformações ao longo do tempo

Ao longo do tempo, a residência contou com uma série de modificações, que iam desde a construção de anexos até supressões de elementos. Sabe-se que o acesso dava-se através de uma passagem vinda da Rua Espírito Santo (Figura 47) passando por todos os imóveis próximos ao Castelinho e terminando no terreno ao lado dele.

Com a abertura da rua Antônio Dias Tostes, o acesso passou a se dar exclusivamente por ela e a passagem, pouco a pouco, foi sendo fechada em cada um dos lotes pelos quais passava.

A volumetria original era constituída somente dos dois primeiros blocos (o do torreão e o intermediário) e foi acrescida do terceiro bloco algum tempo depois (PEREIRA, 2015, p.61). Na imagem a seguir é possível perceber que o imóvel apresenta a volumetria atual, fazendo entender que tal acréscimo deu-se antes desta foto (datada de 1932).



Figura 47: Quadro encontrado na residência, retratando o acesso principal antigamente, feito através de uma passagem que vinha da rua Espírito Santo. Fonte: (PEREIRA, 2015, p.61)

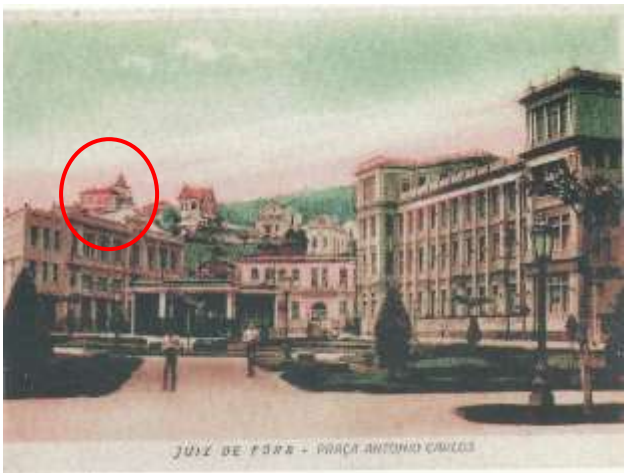


Figura 3: Imagem da Praça Antônio Carlos, com destaque para o Castelinho dos Bracher, aparentemente já apresentando a volumetria encontrada hoje. Fonte: Foto do acervo Pessoal de Mauricio Lima Correa. Disponível também em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=977577108923053&set=a.974624355884995.

Além deste registro, tal adição pode ser notada a partir de alguns elementos, como uma fileira de tijolos dispostos de forma diferenciada, presente na fachada norte, marcando a transição entre os volumes; a demarcação na divisão entre os pisos dos dois volumes, presente no segundo pavimento; além da dimensão das paredes, que são mais finas no anexo construído posteriormente (figura 4).

Através de fotos, percebe-se, também, que existia um alpendre no pavimento superior, com acesso a partir da sala. Este elemento era coberto por um telhado de três águas e vedado parcialmente com um elemento em madeira assemelhando-se a um muxarabi. Deste alpendre, partia um terraço, descoberto, com guarda corpo.

O torreão da edificação também sofreu mudança significativa. As peças em ardósia foram substituídas por folhas metálicas com vidros, e ao seu redor, instalou-se um guarda corpo em estrutura metálica. Com essas modificações, através de uma escadaria no segundo pavimento, o torreão tornou-se um espaço visitável com vista para o centro de Juiz de Fora.

Abril de 2016
ISSN 2448-1459

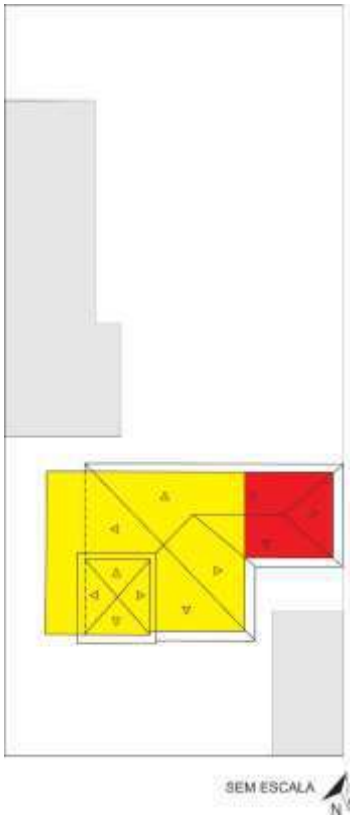


Figura 4: Demarcação dos volumes original e posterior. Em amarelo está o volume original e em vermelho o bloco acrescido posteriormente.

4. DIAGNÓSTICO

Trata-se de um edifício residencial datado de 1915 (OLENDER, 2011, p.217) sem registros de grandes intervenções destinadas à sua conservação. Por isso, é possível perceber as "marcas do tempo" por toda a edificação, aliadas às manifestações patológicas surgidas a partir da falta de uma manutenção cotidiana.

a) Fachada Frontal

A edificação tem seu acesso principal voltado para a rua Antônio Dias Tostes. A via não possui intenso fluxo de veículos e apresenta caráter basicamente residencial e, portanto, não possui nenhuma atividade industrial que agrida o bem em estudo. Destaca-se na via os fios da rede elétrica, os quais passam em frente à edificação, o que interfere na visibilidade das fachadas.

O muro recebeu um tratamento de pintura há alguns anos. Esta pintura se difere da paleta de cores característica do estilo ao qual a edificação pertence, impedindo a leitura, como um todo, da edificação, caracterizando-se como uma lacuna por inserção.

Devido a problemas com umidade, ocorreu a perda de parte do revestimento externo e a nova pintura foi realizada sobre reboco. Quando há reformas como esta, em que parte da edificação recebe nova camada pictórica, é importante usar um material que permita a integração desta parte reformada com o todo, garantindo assim, a leitura do bem. Os materiais utilizados na pintura para a conservação e restauração de bens de interesse cultural devem atender aos critérios da mínima intervenção e reversibilidade, além da preservação da aparência e integridade desses bens. No muro também há presença de microflora unindo-se à vegetação já existente. (figura5)



Figura 48: Detalhe do muro com perda de parte do revestimento sob a camada pictórica e aparecimento de microflora. Fonte: acervo pessoal, 2015.

O muro apresenta umidade descendente causada por infiltrações, causada por rompimento na tubulação ali existente, destinada a conduzir a água armazenada no terraço frontal até a rua (PEREIRA, 2015, p.65). Há umidade com presença de microrganismos no final da tubulação de queda na parte externa do muro, onde existe uma cavidade justamente no caminho que a água faz ao escoar na calçada (Figura 49).

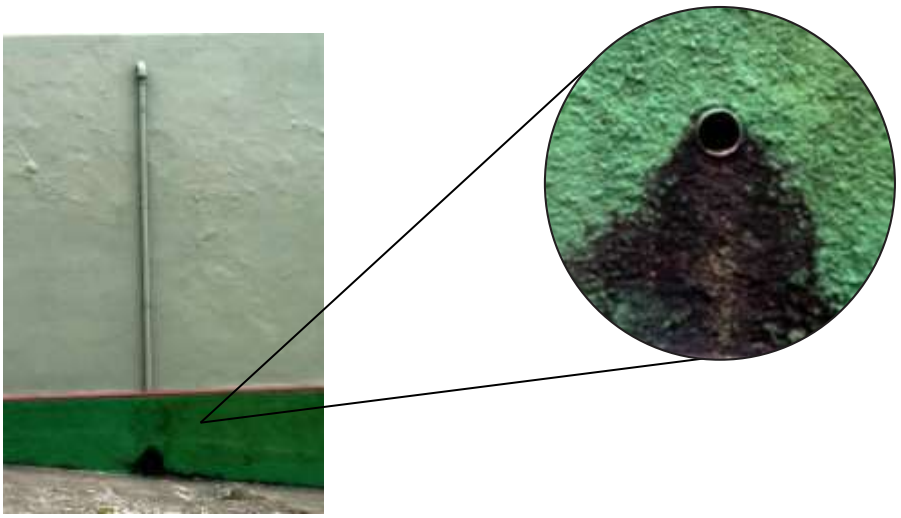


Figura 49: Tubulação de e presença umidade descendente causada por infiltrações. Fonte: acervo pessoal, 2015.

Os gradis que coroam o muro estão oxidados devido à ação de intempéries aliada à falta de manutenção, tendo perdido parte de sua camada pictórica. Os portões, no nível da Rua Antônio Dias Tostes, encontram-se bastante oxidados, entretanto, o portão para pedestres recebeu uma nova pintura e, recentemente, houve a troca da parte inferior.

Algumas áreas do muro, como as partes que estão em contato direto com o solo, apresentam umidade ascendente e alto grau de sujidades aderidas. As áreas que estão próximas à vegetação existente, samambaias aliadas à microflora, apresentam umidade e ainda proporcionam um ótimo ambiente para o desenvolvimento de microrganismos.

O acúmulo de água nos peitoris e nos detalhes sobressalentes das fachadas deve-se, principalmente, à ausência de pingadeira. Por esse fator, os elementos que se destacam do plano do edifício apresentam grande quantidade de sujidades, microrganismos e perdas ou esmaecimentos da camada pictórica. Há presença de sujidades nos tijolos aparentes, bem como erosão superficial de alguns deles.

Abril de 2016
ISSN 2448-1459



Figura 51: Vista do portão de acesso, com oxidação e corrosão. Fonte: (MOREIRA, IUNES, PINHEIRO, 2013, p.60)



Figura 50: Vista do portão de acesso, com oxidação e intervenção na parte inferior, com a troca das folhas corroídas. Fonte: (PEREIRA, 2015, p.65)

Em determinados pontos as lacunas foram preenchidas com cimento (Figura 52). Nota-se também a perda de seção dos tijolos aparentes, tendo como possíveis causas o uso contínuo de produtos químicos (Figura 53) ou choques mecânicos.



Figura 52: Vista da fachada leste, com preenchimento dos tijolos em cimento. Fonte: (PEREIRA, 2015, p.65)



Figura 53: Perda de seção nos tijolos próximos à báscula banheiro. Fonte: (PEREIRA, 2015, p.65)

Na fachada frontal encontram-se tubulações que direcionam a água das calhas até o terraço frontal da edificação. Por falta de manutenção, os rompimentos pontuais permitem que a água escorra pelas fachadas e infiltre nas paredes, proporcionando o aparecimento de microrganismos e microflora.

As esquadrias de madeira encontram-se ressecadas, com perda da camada pictórica e perda de seção, principalmente nas áreas onde há dobradiças. Tais patologias podem ser associadas à presença de organismos xilófagos, à exposição a intempéries, à falta de conservação e manutenção. Já as molduras de massa, que envolvem as esquadrias de madeira, sofrem perda de seção devido à colocação de gradil (Figura 55, 12) e perda da camada pictórica, que pode ser consequência da ação dos agentes externos, aliados às pequenas fissuras na pintura que podem conduzir água, além da ausência de manutenção.

Abril de 2016
ISSN 2448-1459



Figura 55: Perda de seção devido à colocação de gradil. Fonte: acervo pessoal, 2015.

Figura 54: Esquadria de madeira com perda de seção e perda da camada pictórica. Fonte: acervo pessoal, 2015.

Há presença de instalações elétricas, que são fixadas inadequadamente. Elas entram em contato direto com a água da chuva e se degradam ao longo do tempo. As instalações elétricas sem isolamentos corretos, ou que apresentam vestígios de umidade, podem ser a origem de curtos circuitos, ocasionando incêndios, podendo resultar na perda total da edificação e de edificações de seu entorno imediato.

Por fim, é possível notar em alguns locais a presença de fissuras, originadas por conta da acomodação natural do edifício e que, portanto, não indicam perigos estruturais.

b) Área Interna

No interior da edificação existem inúmeros objetos ocupando todos os cômodos (figura 13). Muitos quadros, porcelanas, móveis antigos, desenhos, jornais e livros tomam conta de todos os espaços, dificultando adequada higienização e ventilação. Desta forma, nem todas as patologias puderam ser detectadas.

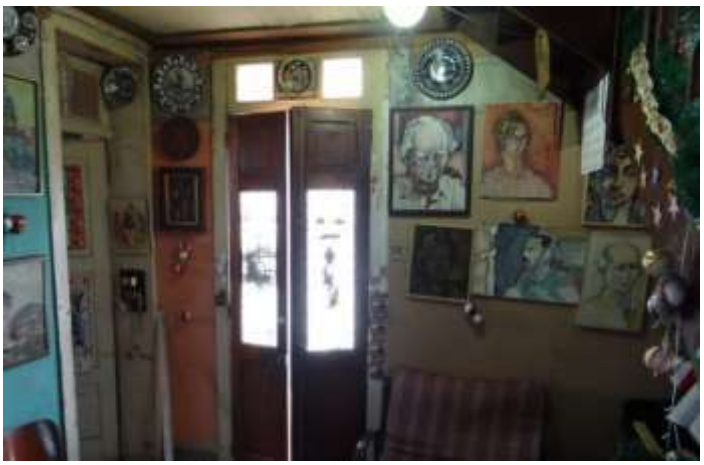


Figura 56: Porta de entrada do Castelinho (Sala de Estar). Fonte: acervo pessoal, 2015.

Na sala, o forro de madeira, que já foi reformado algumas vezes e que, provavelmente, é original da época de sua construção, sofre perda de seção devido à presença de organismos xilófagos (Figura 58). Tais organismos se espalharam pela casa, se alojando nas esquadrias de madeira, soleiras, pisos, batentes e portas, e em alguns móveis presentes nas áreas de circulação. Não foi relatada nenhuma reforma, reparo ou substituição dos batentes e portas.

Abril de 2016
ISSN 2448-1459



Figura 58: Forro de madeira com perda de seção devido à presença de organismos xilófagos; perda da camada pictórica; fiação exposta. Fonte: arquivo pessoal, 2015.



Figura 57: Detalhe para perda de seção no batente da porta, devido à presença de organismos xilófagos. Fonte: arquivo pessoal, 2015.

Algumas paredes apresentam, pontualmente, perdas de camada pictórica e algumas lacunas, muitas vezes preenchidas ou pintadas. No caso do *hall* do segundo pavimento, a passagem da instalação elétrica ocasionou perdas de reboco e de camada pictórica, bem como no peitoril de um dos quartos, onde, possivelmente por conta do uso, também houve perda de reboco e de camada pictórica.

Os pisos em ladrilhos hidráulicos, por conta do uso e da abrasão, apresentam desgaste superficial e, em alguns casos, como próximo a pia da cozinha, este desgaste se dá de forma mais acentuada (Figura 16). Em outros casos pontuais, como no alpendre, algumas peças encontram-se fissuradas.

A cozinha, espaço mais frequentado pelos usuários, apresenta umidade descendente. Tal patologia localiza-se nas paredes relativas à fachada e na laje. Há infiltração na região onde se encontra exposta a instalação hidráulica do banheiro do pavimento superior (7), decorrente da má ligação entre as peças da citada instalação.



Figura 59: Piso em ladrilho hidráulico com desgaste superficial. Fonte: (PEREIRA, 2015, p.65)



Figura 60: Infiltração no teto da cozinha onde se encontra exposta a instalação hidráulica do banheiro do pavimento superior.
Fonte: (MOREIRA, IUNES, PINHEIRO, 2013, p.40)

c) Cobertura

O madeiramento do telhado encontra-se em bom estado quando analisado estruturalmente. Nota-se algumas perdas de seção superficiais por conta da ação de organismos xilófagos, entretanto, o cerne da madeira não está comprometido. Pontualmente, determinadas peças, como caibros e ripas, deverão ser substituídos. Os caibros não acompanham toda a

extensão do vão, podendo sobrecarregar as demais peças (terças). Foi preciso o uso de lonas logo acima da laje para evitar que a água da chuva se infiltrasse na cobertura e chegasse à parte interna da edificação. Tal infiltração pode ser explicada, no caso do revestimento cerâmico, pela presença de fissuras nas telhas.

Um dos espaços mais valorizados do Castelinho, principalmente pela grande visibilidade que permite de parte da cidade, é o torreão. Este, desde a sua construção até a reforma do feita pelos Bracher em 1984, era fechado com placas de ardósia (Figura 62). Em 1984, Dona Nívea Bracher quis abri-la para que pudesse ter um mirante com a possibilidade de visão do entorno de 360°. Desta forma, o torreão foi modelado com vidro e ferro (Figura 63). No conjunto que abriga a torre, cujo material principal é o ferro (peitoril, corrimão das escadas e estrutura), o maior problema diagnosticado foi a oxidação do metal, ocasionada pelo contato deste com água e oxigênio. Há presença de microrganismos e também perda da camada pictórica nas placas de ferro utilizadas.



Figura 62: Torreão coberto por ardósia. Foto sem data definida. Fonte: (PEREIRA, 2015, p.55)



Figura 63: Torreão coberto por vidro e ferro. Fonte: acervo pessoal, 2015.



Figura 61: Oxidação da estrutura metálica no interior da torre, infiltração descendente e presença de microrganismos. Fonte: acervo pessoal, 2015.

5. AÇÕES DE INTERVENÇÃO

O teórico Cesare Brandi em seu livro intitulado “A Teoria da Restauração” diz que no processo de restauração de um edifício são válidos os mesmos princípios estabelecidos para a restauração de obras de arte, uma vez que a arquitetura goza da dupla natureza de ser monumento histórico e objeto artístico, devendo ser respeitadas suas estâncias histórica e estética.

Fachada Principal

A primeira intervenção a ser feita na edificação é a lavagem do todo o revestimento argamassado com água e detergente de Ph 7. Além disso, é necessário o serviço de remoção de crosta negra utilizando-se de emplastos de AB57 e remoção mecânica com o auxílio de espátulas odontológicas. Com essas ações, já será possível notar grande impacto e ter uma leitura completa da unidade potencial do bem.

No Ecletismo, estilo ao qual pertence o Castelinho dos Bracher, havia certa liberdade no critério de escolha de cores para a pintura das edificações. No entanto, predominam os tons de amarelo nos edifícios públicos, em geral. Nas edificações Ecléticas eram utilizadas originalmente cores claras a base de cal, misturadas a pigmentos terrosos, vermelhos ou ocres, caracterizando principalmente as fachadas com tons rosados ou amarelos, com algumas exceções em tons de azul. Com o desenvolvimento da indústria de tintas, as fachadas passaram a ganhar novas gamas de cores, incluindo os tons de verde. Com caráter de restauração, para que a edificação tenha suas cores originais recolocadas, é necessário que sejam realizadas prospecções de pintura nas paredes para se identificar os tons encobertos por outras camadas de tinta. De acordo com o que era usual, se os tons originais estiverem ausentes por questões de qualquer ordem, pode-se escolher outro tom compatível.

Abril de 2016
ISSN 2448-1459

A vegetação de pequeno porte deve ser retirada cuidadosamente para evitar que ocorram danos no reboco, na alvenaria ou em tubulações embutidas. No caso de impossibilidade da retirada sem danos à edificação, deve-se injetar herbicida na raiz e, posteriormente, cortar os ramos aparentes, deixando a raiz no edifício.

A instalação de fiações e encanamentos não deve interferir na composição das fachadas. Assim, deve- ser feito um novo volume acompanhando o tubo de queda já existente na fachada para abrigar a fiação e cabos que hoje, de maneira inadequada, passam soltos e desorganizados pela fachada. A instalação elétrica mal executada prejudica a aparência da edificação e pode causar curto-circuito. Por isso, recomenda-se que os conduítes devam ser instalados de maneira correta e discreta, obedecendo às normas técnicas. Visa-se, com essa medida, diminuir a poluição visual possibilitando, assim, uma melhor leitura do bem.

A causa das infiltrações nos muros, sob os vãos e sobre os elementos que sobressaem à fachada é a falta ou a ineficiência de pingadeiras. No caso dos muros deve ser colocada uma peça de ardósia com inclinação para o exterior e com pingadeiras na extremidade. Além disso, o rufo deve ser embutido no reboco. No caso de peitoris ou soleiras, deve ser feito um corte na parte inferior da peça (seja cerâmica ou pedra) para que a peça já existente funcione como uma pingadeira.

Para o entendimento das intervenções nas esquadrias, deve ser considerado o caráter excepcional das intervenções, qualificadas como de restauração, por se tratar de sua recuperação física. As esquadrias existentes no edifício são de madeira, devendo ser utilizado no processo de restauração o Pinho de Riga para as esquadrias internas e Peroba do Campo nas esquadrias voltadas para as fachadas. Todas as esquadrias, existentes bem como novas, necessitam de tratamento contra umidade, fungos ou contra o ataque de insetos xilófagos.

As esquadrias voltadas para as fachadas frontal e posterior devem receber o tratamento à base de pintura esmalte cuja cor tem de ser estudada através de prospecções realizadas durante o restauro. As superfícies precisam ser cuidadosamente limpas, escovadas e raspadas, para remover sujeiras, poeiras e outras substâncias estranhas seguido de decapagem química com a utilização de soprador térmico que facilita a remoção das camadas de tintas.

No caso dos gradis, deve ser executada a completa revisão, limpeza e ajustamento com a substituição das partes danificadas, faltantes ou comprometidas por outras de material, desenho formatos e dimensões consoantes aos “modelos originais”, com inscrição de réplica datada.

O portão metálico de entrada da edificação encontra-se muito degradado, devido à oxidação e corrosão do material de sua estrutura. Como medida de conservação, é proposto realizar uma limpeza superficial com jato de areia e renovar a pintura, de acordo com os estudos de cores. Onde existem corrosões avançadas, deve-se realizar substituição dos elementos danificados.

Interior

A instalação hidráulica do banheiro do pavimento superior da edificação encontra-se exposta na laje da cozinha causando infiltração. Para solucionar manifestação patológica necessita-se do trabalho de um engenheiro hidráulico, caracterizando a equipe multidisciplinar do projeto intervenção de edifícios. Através do projeto hidráulico será possível obter o dimensionamento necessário para suprir a demanda da edificação, considerando o uso residencial do bem. A instalação hidráulica do banheiro do pavimento superior, após o correto dimensionamento e instalação, continuará existindo sob a laje da cozinha. Assim, para que a tubulação não fique exposta, a cozinha poderá receber um rebaixamento em foro de PVC, com lâmina lisa. O forro de PVC é uma intervenção que causa mínimo impacto na edificação e pode ser removida facilmente. O PVC é durável, não propagador de chama, isolador térmico, elétrico e acústico, resistente à intempérie, corrosão, além de ser extremamente leve e de fácil limpeza.

O comprometimento dos forros é bastante visível, principalmente, com perda de suas réguas centrais e apodrecimento de frisos boleados de sancas e alguns trechos das treliças de ventilação. Como os forros apresentam vários tipos de degradações, é necessário promover a desmontagem parcial de réguas e sancas, decapagem integral com produtos químicos específicos. As réguas passíveis de reaproveitamento e que apresentam perdas pequenas de suas partes devem ser reintegradas com resina com carga de vermiculita. Sancas e roda tetos carecem de vistorias minuciosas, identificando as partes passíveis de restauração através das técnicas de obturação (resina acrescida de pó de madeira e

Abril de 2016
ISSN 2448-1459

lixamento), de enxerto (com partes de peças removidas de outros ambientes e de mesmo padrão dimensional das partes comprometidas e que não podem ser restaurados), ou por substituição de partes respeitando-se a volumetria original.

Os ladrilhos hidráulicos são marcas da empresa responsável pela construção do Castelinho, por isso merecem atenção e valorização durante o processo de intervenção. Propõe-se assim, a higienização com a remoção de manchas, pintura, substituição de peças trincadas, fora de padrão ou comprometidas por novas peças fabricadas em Juiz de Fora, lixamento, polimento e enceramento de todos os pisos.

No interior da residência, percebe-se a presença de organismos xilófagos nas esquadrias de madeira, folhas e batentes, provocando perda de seção. As folhas e batentes que assim necessitarem serão restauradas de acordo com as técnicas mais adequadas a cada caso (enxertos, substituições parciais ou totais das peças), caracterizando ainda mais o caráter crítico das intervenções da edificação.

6. CONCLUSÃO

Através do presente trabalho foi possível compreender uma série de questões relacionadas a um bem de extrema importância para Juiz de Fora. Desde o momento em que foi construído, o Castelinho passou por diversos moradores, sendo hoje um exemplar vivo da história de diversas épocas, contadas a partir de cada elemento que foi sendo imortalizado nas paredes, tetos e pisos.

Raphael Arcuri fez de sua residência um castelo, não somente por suas características arquitetônicas, mas também por sua imponência, estando na perspectiva de uma das principais vias da cidade. Após passar por diversos outros moradores, o imóvel encontra-se hoje na posse de uma família muito importante para a cultura de Juiz de Fora. Os Bracher fizeram deste imóvel uma grande referência de arte, e deram para a população a oportunidade de conhecer e partilhar de todas as emoções que cada cômodo traz.

Durante muitos anos, os moradores do Castelinho, Décio e Nívea, devido à saúde debilitada, tiveram dificuldades financeiras para poder fazer a manutenção do edifício. As intervenções eram pontuais e específicas nos cômodos mais utilizados e nas patologias em que as correções eram mais urgentes. Com isso, as patologias não recebiam o tratamento adequado e com o passar do tempo, o edifício foi se desgastando cada vez mais.

Em dezembro de 2013, dona Nívea faleceu devido a um câncer e, um mês depois, o senhor Décio também veio a falecer. A partir desse momento, surgiram as dúvidas sobre o futuro da edificação. Entretanto, um ano e meio após o falecimento dos moradores, a sobrinha Cecília, juntamente com sua família, se mudou para o Castelinho com o objetivo único de zelar pelo espaço e pelas coleções dos irmãos Bracher.

Logo após a mudança, Cecília e seu marido Marcelo identificaram muitas e grandes demandas de trabalho. E já foram iniciados alguns reparos, como a limpeza do terreno e da casa; reparos emergenciais na rede elétrica e na iluminação externa do imóvel; limpeza e descupinização de móveis, restauração de algumas molduras e organização das coleções de louças, livros e vídeos.

A demora e a não realização de mais intervenções é por conta do orçamento escasso da família. Atualmente eles esperam a aprovação de um projeto proposto para a Lei Murilo Mendes de revitalização das estruturas de madeira da casa (estrutura do telhado, forros e janelas).

De acordo com Cecília, é importante que o Castelinho fique para a família Bracher. A intenção deles é preservar, sem mudar as características que tem histórias. Segundo Marcelo, o projeto da família é transformar a casa em uma casa-museu, não em um lugar estático, mas em movimento constante.

Para poder ajudar na manutenção da casa, em novembro de 2016, iniciou-se a abertura da casa para visitantes. Cada visita é acompanhada por um dos moradores, que apresenta a história da edificação, são voltadas para grupos de cinco a dez pessoas, tem o valor unitário de R$ 20 e duração de cerca de duas horas.

O espaço e a estrutura que se tem hoje, juntamente com as manutenções programadas, permitem iniciar em 2016 uma pequena escola de pintura para adultos e crianças. E há um projeto para inserir crianças carentes no universo da arte e da música, como era o desejo dos irmãos Nívea e Décio.

Este ideal de cultura não pode se perder, e uma das principais conclusões que se chega é a de que tal viés deve permear toda e qualquer intervenção, respeitando tanto o bem quanto a memória daqueles que tornaram o Castelinho este ícone da arte.

Referências

[1] ABRANTES, Vitor. **Livro d'Obra - Métodos Simplificados de Diagnóstico de Anomalias em Edifícios**. Porto, Portugal. Universidade do Porto, 2012.

[2] BASTOS, Wilson de Lima. **Badalo do sino: memórias**. Juiz de Fora: Paraibuna, 1986.
Bookman, 2011.

[3] BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração.** Cotia: Ateliê, 2004.

[4] COELHO, Andréa Wogel. **Patrimônio cultural de Juiz de Fora: representações artísticas e aplicabilidades contemporâneas**. Juiz de Fora, 2009.

[5] HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

[6] LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

[7] MOREIRA, A. C.; IUNES, A.; PINHEIRO, C. **Projeto de Intervenção-Castelinho dos Bracher.** Juiz de Fora, 2013.

[8] NEVES, José Alberto Pinho. **Memória: Conhecer para preservar.** Juiz de Fora: Funalfa Edições, 2004, p. 21.

[9] OLENDER, Marcos. **Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

[10] PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre.

[11] PEREIRA, Tamara Nunes. **Da Genialidade Arquitetônica de Raphael Arcuri à Sensibilidade Artística dos Bracher -** Intervenção no "Castelinho dos Sonhos"**.** Juiz de Fora, 2015.

[12] JUIZ DE FORA, DECRETO Nº 6462 - de 16 de junho de 1999. (Disponível em: <http://www.jflegis.pjf.mg.gov.br/c_norma.php?chave=0000020039>, acesso em 25 de novembro de 2015.